

AS CIDADES VESTEM O CORPO: MODA, VIVÊNCIA E ESPELHO URBANO

Natalia Prates Paolinelli, Elizabete Kobayashi

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, nataliapp@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão teórico-metodológica interdisciplinar entre moda, vivência urbana e subjetividade, a partir de uma leitura simbólica das cidades descritas por Ítalo Calvino (1972) em *As Cidades Invisíveis* e do questionamento identitário presente em *Um, Nenhum e Cem Mil*, de Luigi Pirandello (1926). A metodologia utilizada, portanto, adotada neste trabalho fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica e analítica de caráter qualitativo das duas obras anteriormente citadas. A partir da análise de ambas referências, e, partindo da ideia de que a cidade funciona como um espelho da humanidade, foi possível situar que o espaço urbano não apenas molda a aparência dos corpos que o habitam, mas também reflete, e muitas vezes distorce, suas identidades. A moda, nesse contexto, é compreendida como linguagem performativa, capaz de traduzir memórias, desejos e resistências. Por fim, concluiu-se que ao relacionar esses imaginários com expressões estéticas urbanas reais, o texto evidencia como o vestir se torna um ato simbólico que insere o indivíduo dentro da malha da cidade.

Palavras-chave: Moda. Cidade. Identidade. Calvino. Pirandello.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Moda e Planejamento Urbano e Regional.

1. Introdução

A cidade, mais do que um aglomerado de construções, é uma extensão simbólica do ser humano. Seus espaços, fluxos e fronteiras revelam não apenas modos de organização urbana, mas também formas de existir, resistir e se expressar. Em *As Cidades Invisíveis*, Ítalo Calvino propõe uma visão poética e filosófica da cidade: um conjunto de metáforas que traduzem aspectos da condição humana, com todos seus desejos, memórias, medos e identidades fragmentadas. Cada cidade descrita pelo narrador Marco Polo funciona como um espelho simbólico da humanidade, refletindo quem a habita e quem a observa. Como afirma Calvino “Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde ...” (1972, p.09).

Essa imagem da cidade como espelho pode ser ainda mais ilustrada à luz da obra *Um, nenhum e cem mil*, de Luigi Pirandello (1926), onde o protagonista Moscarda se depara com a percepção de que cada pessoa o enxerga de maneira diferente, e que ele próprio é uma construção instável, múltipla e, de certa forma, incontrolável. Tal percepção pode ser percebida na vida urbana contemporânea, onde o sujeito é constantemente atravessado por olhares diversos, e, muitas das vezes é também moldado por espaços sociais no qual está inserido. Na cidade, somos um, nenhum e cem mil, e, por sua vez, essa multiplicidade pode ser percebida pelas roupas que vestimos.

Este artigo propõe uma leitura das experiências urbanas atuais através da moda, longe do conceito superficial do seu entendimento como apenas uma prática estética ou ligada ao consumo. Aqui, a moda será compreendida como uma linguagem política, sensível e materializada, e ainda, como ela se manifesta a partir das subjetividades urbanas, e, como pode ser instrumento de leitura social das cidades. Nesse sentido, Barnard (2003) ressalta que a moda deve ser compreendida como um sistema de significados e de comunicação, capaz de expressar identidade, valores e hierarquias sociais, e não apenas como ornamento. Já Lipovetsky (1989) aponta para a lógica do efêmero que atravessa a moda contemporânea, em que a constante renovação dos estilos reflete tanto a individualização quanto a fugacidade dos vínculos sociais. Assim, ao articular esses autores ao olhar urbano, percebe-se que as roupas funcionam como espelhos móveis das cidades.

Por meio de uma abordagem teórico-reflexiva, apoiada nas imagens simbólicas dos livros citados previamente, e em conceitos da moda e da antropologia urbana, busca-se compreender como os corpos que habitam a cidade também a narram através de tecidos, cores, gestos e presenças.

2. Cidades invisíveis, identidades múltiplas: fragmentos do eu na cidade

Nas cidades descritas por Ítalo Calvino em *As Cidades Invisíveis*, não há mapas objetivos, nem rotas exatas. Cada cidade é uma metáfora de estados da alma, da memória ou do desejo. Marco Polo, ao narrar suas experiências, constrói um repertório de cidades que, na verdade, são espelhos de aspectos da condição humana. Essas cidades são imaginadas, mas não são irreais, são construídas a partir de fragmentos daquilo que cada sujeito carrega ao habitar e observar o seu espaço urbano.

A experiência de andar pela cidade, portanto, não é neutra. Ela é moldada por memórias pessoais, posições sociais, afetos e projeções. Como escreve Calvino, “a cidade não conta seu passado, mas o contém como as linhas de uma mão” (1972, p.14). A arquitetura urbana, seus ruídos e silêncios, seus encontros e ausências, refletem o modo como os sujeitos se percebem e são percebidos.

Essa dimensão fragmentada da cidade se aproxima profundamente da crise identitária retratada em *Um, Nenhum e Cem Mil*, de Luigi Pirandello. Quando Moscarda descobre que sua imagem para os outros não corresponde àquela que ele construiu de si mesmo, inicia-se uma desconstrução radical da identidade. Ele percebe que não há um “eu” fixo e verdadeiro, mas centenas de versões de si moldadas pelos olhares alheios, como constata:

Aquela imagem entrevista de relance era mesmo a minha? Eu sou mesmo assim, de fora, quando – vivendo – não me penso? Então para os outros eu sou aquele estranho surpreendido no espelho; primeira, ao notá-lo, não reconheci. Eu sou aquele estranho que não posso ver vivendo nem conhecer senão assim, num momento de distração. Um estranho que só os outros podem ver e conhecer, não eu. (PIRANDELLO, 1926, pg. 23)

Essa constatação dialoga diretamente com a vida urbana, uma vez que cada ambiente da cidade convoca a performar um papel diferente, ao mesmo tempo que as interações constroem uma imagem única da sua própria existência. Na urbe¹ contemporânea, a identidade é uma costura constante, frágil, e, muitas vezes, conflituosa; tal como a cidade de Eutrópia, em que os habitantes trocam de lugar, de função e de narrativa toda vez que se sentem saturados: “...a cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio.”, Calvino (1972, p.29).

A cidade é, então, esse palco instável onde o sujeito busca se reconhecer em meio a reflexos múltiplos. A moda, inclusive, se insere nesse jogo de significações. Assim como as cidades de Calvino nunca são inteiramente visíveis, o “eu” urbano também não pode ser entendido por uma definição fixa. Ambos são incompletos e passam por constantes reinvenções.

3. O corpo que habita: moda, olhar e espaço

O corpo é o primeiro território que ocupa a cidade. Antes mesmo de habitar uma casa ou circular pelas ruas, é no próprio corpo que o sujeito se inscreve no espaço urbano através dos seus gestos, sua presença e sua aparência. E é por meio da moda que esse corpo se torna visível, e, muitas vezes, interpretável. A roupa não apenas cobre: ela comunica, mascara, e por fim, revela. Ela é um discurso em movimento, como afirma Barnard (2003, pg. 150) “... sociedades têm sido sempre sociedades constituídas de classes diferentes. Todas, portanto, têm sido sociedades potencialmente afeitas ao uso da moda, sociedades que usaram mudanças na indumentária para construir e comunicar identidades de classe”.

Se, como diz Pirandello (1926), “sou aquele que cada um pensa que eu seja - e não sou nenhum desses”, o corpo vestido na cidade está imerso em um campo de olhares cruzados. Cada roupa pode

¹ Urbe” é um termo mais amplo que se refere à cidade em si, pode ser entendida como a própria cidade, a área construída e habitada, com suas características físicas, como edifícios, ruas, praças e infraestrutura.

ser vista de maneira distinta por cada observador. Na cidade, os olhares criam narrativas sobre os corpos que passam, atribuindo pertencimentos, desejos, ameaças, exotismos e resistências. A moda torna-se, assim, uma espécie de tradução urbana da subjetividade.

Ao mesmo tempo, o espaço urbano também fala, e nem sempre permite que todos falem da mesma forma. Certos trajes se tornam mais aceitos em determinados bairros, horários ou contextos sociais, enquanto outros, ao contrário, podem ser vetores de preconceito ou exclusão. O estilo de vestir revela tanto quanto esconde: pode ser código de pertencimento, mas também motivo de invisibilidade ou repressão.

É nesse jogo de trocas simbólicas que a moda urbana ganha força como linguagem política. As roupas podem ser motivo de orgulho, resistência ou transgressão, como se vê em movimentos periféricos ou estéticas que ressignificam padrões. Por outro lado, também podem aprisionar em estéticas padronizadas que normalmente são determinadas por dinâmicas de consumo e status. “Moda e indumentária constituem, sinalizam e reproduzem identidades existentes de classe e gênero”, a modo de “considerá-las como formas de construir e reproduzir as circunstâncias das pessoas”, segundo professor Barnard (2003, pg. 147).

O corpo que habita a cidade, portanto, também é habitado por ela. Tudo da cidade se cruza como uma trama de tecido, só que através do olhar urbano e suas estruturas de poder. O vestir deixa de ser apenas um ato privado e se torna uma forma de criar espaço para o eu em dizer “estou aqui” e, às vezes, “não sou o que você pensa que sou”.

4. As cidades vestidas: imaginários urbanos e estéticas dos corpos

Nesta seção, será apresentado um paralelo entre algumas das cidades de As Cidades Invisíveis e expressões estéticas que emergem no cotidiano urbano, como formas de habitar e significar o corpo. A moda, aqui, aparece como dispositivo tradutor e performático da alma dessas cidades.

4.1 Zaira: a cidade da memória como roupa repetida

Zaira não se revela por seus edifícios, mas pelos gestos acumulados, pelas lembranças inscritas nos espaços. É uma cidade da memória viva e de afetos silenciosos. Os brechós e o vintage trazem roupas com história, que carregam camadas de tempo e que podem ser exemplos dentro da moda do que a cidade pode representar.

4.2 Eutrópia: a cidade que muda de lugar como quem troca de roupas

Eutrópia se reinventa sempre que a vida em um lugar se torna insuportável. Nada é fixo, tudo gira. A moda urbana pode ser mutante a partir de estilos sem gênero, looks desmontáveis e sobreposições como forma de flexibilidade, como no exemplo abaixo:

4.3 Zobeida: a cidade do desejo inalcançável

Zobeida nasce do sonho frustrado. Habitantes repetem os mesmos movimentos esperando alcançar algo que nunca chega. O setor da moda conhecido por *fast fashion*², influencia no consumo de tendências passageiras, podendo ser comparado com a frustração do desejo de autenticidade de quem habita essa cidade.

4.4 Esmeraldina: a cidade invisível sob a superfície

Em Esmeraldina, o visível engana. O que importa está no subterrâneo. A moda aqui pode ser entendida como periférica, o estilo como resistência silenciosa com corpos racializados e marginalizados que constroem beleza onde o sistema não quer enxergar. Corpos e estilos que

² *Fast fashion*: (trad. moda rápida) é um termo usado para descrever a produção em massa de roupas a “baixo custo”, e, que são rapidamente lançadas no mercado para acompanhar as últimas tendências da moda.

ultrapassam as convenções e se tornam identificáveis a partir de estéticas próprias e únicas, para traduzir não apenas uma primeira impressão, mas sim, uma maneira de representação e idealismo. O visível fica encarregado de apresentar, enquanto a essência é constituída de histórias, conceitos identitários e muito entendimento de si e seu grupo.

5. Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica e analítica de caráter qualitativo, a partir de uma leitura crítica das obras *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino (1972), e *Um, Nenhum e Cem Mil*, de Luigi Pirandello (1926), com o intuito de extrair imagens simbólicas e conceitos que dialogam diretamente com a moda e a vivência urbana contemporânea. A estratégia consistiu em estabelecer vínculos entre os imaginários literários e a moda compreendida como sendo uma linguagem performática, que ultrapassa sua dimensão estética e de consumo para assumir um papel de expressão identitária e política. Dessa forma, a análise comparativa entre literatura e moda permitiu construir uma reflexão interdisciplinar, evidenciado como o ato de vestir-se pode ser entendido como forma de habitar e narrar a cidade.

6. Resultados

Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de desmistificar a moda como fenômeno restrito à aparência ou ao consumo imediato. Ao articular as metáforas literárias de Calvino e Pirandello com a vivência urbana contemporânea, foi possível evidenciar que a moda atua como narrativa social e política, inserida no cotidiano das cidades. Além da estética, o vestir se revela como uma linguagem capaz de traduzir memórias coletivas, disputas identitárias e resistências individuais.

Por fim, a moda pode ser compreendida no cenário urbano como uma forma de “contar história”, ou seja, ela consegue inscrever no espaço simbólico da cidade desejos, experiências e (co) existências. Assim, ao narrar a si mesmo através das roupas, o sujeito também participa da construção visual e simbólica do espaço no qual está inserido, produzindo novas leituras e práticas de pertencimento.

7. Discussão

A análise desenvolvida evidencia que a moda, quando relacionada à cidade, não pode ser reduzida a um elemento meramente estético ou de consumo, mas de ser compreendida como linguagem social, política e simbólica. Os resultados deste artigo, confirmam a pertinência em considerar o ato do vestir-se como uma narrativa urbana que atravessa olhares, espaços e estruturas de poder. Nesse ponto, dialoga-se com Barnard (2003), para quem a moda é instrumento de comunicação e distinção social, refletindo a complexidade das identidades que circulam nos espaços urbanos.

Ao mesmo tempo, as leituras de Calvino (1972) e Pirandello (1926) possibilitaram uma ampliação crítica do debate, ao demonstrarem como a cidade e o copo são construções múltiplas e fragmentadas. Essa perspectiva vem de encontro com a fluidez identitária contemporânea encontrada nas metrópoles globais. Lipovetsky (2009), inclusive, ao discutir a efemeridade como característica da modernidade, reforça esse ponto ao indicar que a moda, mais do que uma sucessão de estilos, é um dispositivo de mutação constante do eu, em sintonia com as dinâmicas urbanas.

Portanto, a discussão aponta a relevância de considerar a moda como prática discursiva e performativa que amplia o entendimento das cidades como espaços vivos, onde memórias, identidades e desejos são continuamente negociados. A articulação entre literatura, moda e urbanidade contribui, assim, para um olhar interdisciplinar sobre os processos que configuram a vida urbana contemporânea.

8. Considerações finais

Pensar a cidade como corpo e o corpo como cidade é aceitar que os espaços não são neutros, nem o vestir é um acaso. A cidade veste a partir dos seus códigos e olhares, da mesma forma, ela é vestida através dos mais diversos estilos. Na complexa trama que envolve urbanidade, identidade e moda, surge uma ideia simbólica que costura passado e presente, visível e invisível, “eu” e outro.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

A moda, situada no cruzamento das ideias de Calvino e Pirandello, aparece como linguagem de negociação: ora como disfarce, ora como manifesto, ora como silêncio.

Neste percurso, o ato de vestir não é apenas uma escolha estética ou prática, mas uma ocupação espacial. A apropriação dos lugares da cidade pode ser determinada de uma certa maneira apenas pelas suas vestimentas. O corpo pode dizer aquilo que nem sempre é possível dizer com palavras, e, mais ainda, ele pode traduzir a sua existência (sendo ela múltipla, mutante ou complexa) em meio a um espaço urbano.

A cidade é texto, mas também é tecido; é palco e é espelho; ela é reflexo dos seus moradores. Entre as linhas invisíveis do urbano e as costuras da moda, há sempre um corpo que insiste em escapar e criar.

Figura 01 – As cidades vestem o corpo



Fonte: Lens Culture, 2023

Referências Bibliográficas

BARNARD, M. **Moda e comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Trad. Lúcia Olinto, 268 p.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 208 p.

Figura 01 - ***Little West 12th Street, 2023***. Fonte: Cass, P. 2023. Disponível em: <https://www.lensculture.com/articles/aipad-photography-show-preview-the-photography-show-by-aipad-2024> . Acesso em: 13 de junho de 2025.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. 1. ed. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 294 p.

PIRANDELLO, L. **Um, nenhum e cem mil**. 1. ed. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2001. 208 p.